

Tatiana Belinky: a história de uma contadora de histórias

Karin Dormien Mellone

Universidade de São Paulo

Palavras-chave: Teatro para crianças e jovens Televisão para crianças e jovens Pedagogia do teatro & Teatro e educação

Era uma vez...uma geração que assistiu ao nascimento da televisão nos anos cinquenta em São Paulo. Ela teve o prazer de acompanhar um espetáculo único: "O Sítio do Picapau Amarelo" de Monteiro Lobato como teleteatro ao vivo, sem vídeo tape. A adaptação do texto era feita por Tatiana Belinky com muita maestria. Júlio Gouveia, marido de Tatiana Belinky, apresentava a série tirando um livro da estante e dizendo "Era uma vez..." ao apresentar a história daquele dia e terminando com "Mas esta é uma outra história, que fica para uma outra vez...". O objetivo era levar crianças e jovens à leitura de livros, o que realizaram com muito êxito. Foi feita uma pesquisa informal com professores, a quem pediram que enviassem desenhos dos pequenos e redações dos maiores comunicando o que era mais importante para eles no seriado. Venceu o gesto de Júlio Gouveia tirando um livro da estante. Formou-se uma geração de leitores.

O Teatro Escola São Paulo, grupo que apresentava as histórias, foi se formando durante a atividade pioneira deles como iniciadores do teatro para crianças e jovens em São Paulo, com a estréia de Peter Pan em 1948 no Teatro Municipal e a participação de Haydée Bittencourt, Clóvis Garcia e Alberto Guzik. Durante três anos o grupo, que era um teatro escola, apresentou teatro de qualidade para alunos das escolas municipais. Nesse período desenvolveu as habilidades necessárias para o exercício da atividade na televisão.

Faziam três a quatro programas semanais ao vivo, "Fábulas", "Era uma vez..." e o "Sítio do Picapau Amarelo" de 1951 a 1964. A inesquecível Emília de Lucia Lambertini era acompanhada pelo Pedrinho de David José, pela Narizinho de Edi Cerri, pelo Visconde de Sabugosa de Hernê Lebon, pela Dona Benta de Suzy Arruda e pela Tia Nastácia de Benedita Rodrigues. Era um prazer tão grande assistir ao seriado quanto descobrir que se podia "morar" nos livros que eram apresentados. Os programas duravam entre 20 e 40 minutos, e aos domingos era apresentada uma peça de uma hora inteira. Havia poucos programas em horas certas, muitos nascidos do rádio, de onde vinham os artistas que se apresentavam. Quando o TESP apresentou as peças nessa TV recém nascida, o público ficou encantado com a apresentação de corpo inteiro, em contraste com a apresentação que só contemplava os microfones.

A arte de Tatiana era adaptar contos, histórias, fábulas, lendas da literatura universal que ela tinha ouvido desde criança na Rússia e na Letônia, contadas por seu pai e lidas em inúmeros livros. Desse manancial de cultura Tatiana ia trazendo os textos. Vivendo a vida do dia a dia, levando os filhos à escola e indo ao mercado, à noite ela sentava à máquina de escrever e escrevia as adaptações, verdadeiras recriações com o sabor tão próprio de seu estilo fascinante. Depois eram rodadas no mimeógrafo e distribuídas para diretor, atores, cenógrafo, etc. Cenários eram feitos, roupas alugadas, trucagens imaginadas e testadas. Havia um ensaio de mesa, um ensaio geral e a peça ia para o ar ao vivo. Perguntei como conseguiam fazer tudo isso e ela respondeu: "Mais vale a prática do que a gramática!" e "Fizemos o que fizemos porque ninguém nos disse que não era possível!". No entanto o clima dos ensaios no "Elefante Branco", que era uma casa dos Gouveia, era tranquilo. As apresentações nos estúdios da Tupi eram divertidas, agradáveis, sempre havia reações de verdade entre os personagens. Como aquela vez em que o Visconde de plantão colocou sal no produto achocolatado que patrocinava o programa. Mas a platéia nem chegava a perceber, pois tudo era levado com o mais sério profissionalismo. Todos estavam sempre muito atentos entre

si para resolver qualquer problema que aparecesse. E os desafios da parte técnica ainda incipiente? Como mostrar o Reino das Águas Claras pela televisão? Tatiana teve a idéia de levarem o aquário de casa para o estúdio e deu certo. Era um teatro veiculado pela câmara para as casas das pessoas, que elas acompanhavam de perto, ligavam, davam sugestões, criticavam e se encantavam com as soluções encontradas. Era uma televisão sem paralelo no mundo em função de sua qualidade e agilidade.

A releitura das obras de Lobato durante a pesquisa levou à tese pròpriamente dita. Em 1928 Monteiro Lobato era adido comercial do Brasil em Nova Iorque, e lá conheceu Anísio Teixeira, que fazia mestrado em educação na Universidade de Columbia, tendo John Dewey como professor. Anísio Teixeira foi um dos líderes da renovação do sistema educacional brasileiro. Monteiro Lobato e Anísio Teixeira passaram a ser grandes amigos, e nota-se o espírito da educação renovada nos textos de Lobato. Não há uma relação autoritária entre adultos e crianças, o ambiente é de busca do conhecimento, de liberdade e de brasilidade com o saci e o Tio Barnabé. Dona Benta lê e adapta obras da literatura universal para a compreensão fluente das crianças, que perguntam e opinam o tempo todo. O jogo está presente nas viagens ao céu, ao reino das águas claras, à Grécia. Está presente também no diálogo com Peter Pan, Cinderela e Pinóquio, os personagens de Dona Carocha, uma velha embolorada que não quer que os personagens se transformem, aprisionando todos em velhos livros sem movimento. A vitalidade é um traço forte na literatura de Lobato.

Há uma fotografia das apresentações do Sítio do Picapau Amarelo dos anos cinqüenta que mostra o espírito com que o livro foi irradiado pela TV. É do circo de escavatinhos e transmite a impressão de estarmos no mesmo plano que a apresentação. Um pano é a lona do circo, como nos jogos dramáticos das crianças e Dona Benta e Tia Nastácia assistem Pedrinho domar uma fera de faz de conta. A platéia assiste Pedrinho através do aparelho de TV e a impressão é a de estar no mesmo plano, de igualdade, de jogo. É também um modelo que leva a brincar. A simplicidade proposital traz um modelo que a criança pode seguir e recriar com facilidade, é próxima às suas próprias brincadeiras e jogos.

Citando Alberto Guzik: "Com uma excelente dramaturgia e ótimos atores, Júlio Gouveia e Tatiana Belinky faziam na televisão um teatro que respeitava a criança, não a tratava como um mero consumidor dos produtos anunciados nos comerciais. Havia no trabalho do casal outro conceito, o da educação por meio da arte. E o que faziam era arte, da melhor qualidade." [1]

O que os norteava era fazer um teatro e um teleteatro educacional. O importante era a formação e não tanto a informação. Não havia didatismo, sermões, aulas ou tentativas de enquadrar as crianças em alguma fôrma pré-moldada. Não se ensinava que isto é bom, aquilo é mau, tem que ser assim ou assado. Era um programa artístico, com muita brincadeira, engraçado ou dramático, mas sempre com um conteúdo ético, onde a criança tirava suas próprias conclusões. Como Monteiro Lobato, Tatiana procurava dar uma abertura e uma capacidade crítica de ver, ouvir e analisar, não aceitar as idéias sem pensar sobre elas, não engolir nada sem mastigar. Por exemplo, quando Dona Benta contava a fábula da cobra que comeu o sapo, a moral da estória clássica era fazer o bem sem olhar a quem, mas Emília protestava dizendo que ela olhava muito bem a quem, sim, porque ela não era trouxa. Havia a representação da estória, com muito senso de humor, que dava abertura ao pensamento crítico. Como Tatiana sempre diz: "A criança gosta e precisa treinar as emoções. Precisa rir um pouco, precisa chorar um pouco, precisa sentir um pouco de medo. Tudo dosado. É como qualquer remédio: depende da dose para fazer bem ou mal. Era essa a idéia... Júlio era médico e educador."

Eles foram crescendo com a televisão e Tatiana comenta seu crescimento vertiginoso e sua força educacional e a responsabilidade tanto dos criadores como do público quanto à qualidade da programação.

Quando pararam de fazer TV em 1964, Tatiana foi convidada a abrir o setor de teatro infantil

e juvenil da secretaria da cultura da época e ela passou a editar a "Revista da Juventude", que por muitos anos trouxe peças de boa qualidade. Era também o canal de contato entre muitos grupos de escolas, bibliotecas, clubes e grupos de teatro do estado e do país.

Mais tarde ela se dedicou ao jornalismo, escrevendo críticas de teatro e literatura para crianças e jovens em inúmeros jornais e revistas e televisão, acompanhando o incrível crescimento da literatura e do teatro infantil, com muitos nomes novos surgindo. Tatiana Belinky escreveu mais de cem livros para crianças e jovens. No livro "Transplante de Menina"[\[2\]](#) ela conta a sua história de infância, a vinda ao Brasil, o espanto com o imenso cacho de bananas! Ela fez traduções e adaptações dos mestres da literatura universal, de Tchekhov a Makarenko, de Goethe a Brecht, Puchkin, Gógol, Os Contos de Grimm e poemas hebraicos, russos, alemães e da cultura popular e de lendas de inúmeros países. Livros muito bem ilustrados, com jogos de palavras e sonoridades lúdicas e muitos livros de limeriques: ***Os limeriques são historinhas/contadas em só cinco linhas/ritmadas, ligeiras,/com rimas brejeiras:/ histórias bem maluquinhas.***

Graças a estes pioneiros existe hoje uma vasta cultura que tem relação com a criança e os jovens, seja no teatro, na literatura, na televisão, no cinema, em jornais e revistas, na educação, com os contadores de histórias, em pesquisa de tradição oral, em jogos tradicionais, em jogos teatrais, em pesquisa universitária, em programação de centros culturais, na internet, e nas várias formas de arte.

E foi inaugurado em 25 de abril de 2007 o Núcleo de Televisão Infantil Tatiana Belinky da TV Cultura, o maior centro de produção de televisão de qualidade para crianças e jovens da América Latina!

E ainda há muita coisa a ser pesquisada e descoberta, então... bem, mas esta é uma outra história, que fica para uma outra vez ...

[\[1\]](#) Albert Guzik, *Jornal da Tarde*, São Paulo, 12/01/1999.

[\[2\]](#) Tatiana Belinky, *Transplante de Menina*, São Paulo, Moderna, 1995